

O RETORNO DO VIAJANTE: dispersões e reencontros na leitura

Maria Helena de Moura Arias (UEL)ⁱ

Resumo:

Nesta proposta pretendo fazer uma análise sobre os percalços de certo leitor sugeridos pelo narrador do romance “Se um viajante numa noite de inverno”, de Ítalo Calvino, o qual apresenta as dificuldades e as surpresas pertinentes a cada leitura. Além disso, o romance destaca a relação desconfiada e conflituosa deste leitor com os livros que adquire e também com os editores que os produz.

Palavras-chave: leitura; leitor; criação literária; produção editorial;

Preparar a bagagem

A leitura nos faz viajar, esta é a máxima utilizada quando pretendemos esclarecer os efeitos resultantes da leitura. A viagem conduzida pela leitura traduz-se em nosso conhecimento a cerca das coisas do mundo. As rotas indicadas, as estradas a serem seguidas, as placas que sugerem: Pare! Ou, Siga!. É na leitura que alcançamos a graça impensável de chegar aos mais escondidos sentimentos humanos e, aos mais misteriosos lugares e paisagens. Quando lemos romances, diz Vargas Lhosa “não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfíxiante que é nossa vida real”. (VARGAS LHOSA, p. 17, 2004).

A leitura, este ato secreto e pessoal, deve estar desprovida de quaisquer interesses ou especulação para tornar-se agradável e desafiante. E esta é uma provocação ao nosso prolixo hábito de ler buscando alternativas e significados para os textos quando “é só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o ‘seu livro’ ”. (CALVINO, p. 12, 2007).

Roger Chartier afirma que a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados, pois, de acordo com ele a liberdade leitora não é jamais absoluta por estar cercada de limitações derivadas das capacidades e convenções que caracterizam o hábito da leitura. Para ele, “os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões para ler. Novas atitudes são inventadas e outras se extinguem”. (CHARTIER, 1999, 77):

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, 77).

Desta forma, algumas destas características citadas por Chartier, podem ser

verificadas no romance *Se um viajante numa noite de inverno* do escritor italiano Ítalo Calvino, que foi publicado no ano de 1979 pela Editora Einaudi e, em uma Conferência no Instituto Italiano de Buenos Aires, cinco anos após a publicação do livro, Calvino define seu livro desta forma:

Trata-se de um romance sobre o prazer de ler romances; o protagonista é o Leitor, que por dez vezes recomeça a ler um livro que, em razão de vicissitudes alheias a sua vontade, ele não consegue terminar. Tive, portanto, de escrever o início de uma dezena de romances de autores imaginários, todos de algum modo diferentes de mim e diferentes entre si: um romance todo de desconfianças e de sentimentos confusos. (CALVINO, 2003, p.166).

De acordo com o narrador, aos livros devemos as mais extraordinárias experiências, mas delas não corremos o risco de nos perder ou nos decepcionar, por estarem fixadas ao universo encantado da ficção. Explica ainda que o leitor vai encontrar pela frente um instigante desafio que só a leitura é capaz de proporcionar.

Embarcar neste passeio

No romance, as preocupações do leitor em relação ao seu arsenal literário também se assemelham ao do personagem quando este busca por um título em particular por entre ilhas e estantes de uma livraria:

Já logo na vitrine da livraria, identificou a capa com o título que procurava. Seguindo essa pista visual, você abriu caminho na loja, através da densa barreira de Livros Que Você Não Leu que, das mesas e prateleiras, olham-no de esguelha tentando intimidá-lo. Mas você sabe que não deve deixar-se impressionar, pois estão distribuídos por hectares os Livros Cuja Leitura É Dispensável, os Livros Para Outros Usos Que Não a Leitura, os Livros já Lidos Sem Que Seja Necessário Abri-los, pertencentes que são à categoria dos Livros Já Lidos Antes Mesmo de Serem Escritos. (CALVINO, 2003, p. 13)

E esta demonstração de afinidade com o universo dos livros prossegue de forma a acolher as infundáveis dúvidas do leitor: “... Os Livros que Há Tempos Você Pretende Ler, os Livros Que Procurou Durante Vários Anos Sem Ter Encontrado, Os livros que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento, Os Livros Que Deseja Adquirir Para Ter Por Perto...” (CALVINO, 2003, p. 12).

Assim, visando ampliar a relação com o leitor, o narrador cita o próprio autor quando apresenta a obra: “Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos”. (CALVINO, 2003, p. 11). Prossegue ainda indicando as mais variadas e confortáveis maneiras de ler: “Pois bem, o que está esperando? Estique as pernas, acomode os pés numa almofada, ou talvez em duas, nos braços do sofá, no encosto da poltrona, na mesinha de chá”. (CALVINO, 2003, 12). E assim vai se esgueirando ao redor do leitor buscando convencê-lo desta leitura:

E quanto aos livros? Aí está: justamente por ter renunciado a tantas coisas, você acredita que seja certo conceder a si mesmo o prazer juvenil da expectativa num âmbito bastante circunscrito como este dos livros, em que as coisas podem ir bem ou mal, mas em que o risco da desilusão não é grave. (CALVINO, 2003, p. 12).

O romance aborda a pertinência do hábito da leitura e sua eficaz capacidade de surpreender e aliciar o leitor interferindo em suas ocupações cotidianas: “Você está sentado em sua mesa de trabalho, e o livro por acaso está ali entre os papéis do escritório; em dado momento você afasta o dossiê, e o livro surge bem debaixo de seus olhos”. (CALVINO, 2003, p.15). Trata-se de fragmentos de histórias, as quais se perdem, se entrelaçam e se desprendem. São narrativas diferentes criadas ao gosto do leitor: *Se um viajante numa noite de inverno*; *Fora do povoado de Malbork*; *Debruçando-se na borda da costa escarpada*; *Sem temer o vento e a vertigem*; *Olha para baixo onde a sombra se adensa*; *Numa rede de linhas que se entrelaçam*; *Numa rede de linhas que se entrecruzam*; *No tapete de folhas iluminadas pela lua*; *Ao redor de uma cova vazia*; *Que história espera seu final lá embaixo*. O narrador explica que os cadernos com os fragmentos foram agrupados de forma desordenada em um mesmo livro por um erro de impressão ou da montagem do objeto livro: “O erro se deu durante o processo de encadernação: um livro é feito de cadernos; cada caderno é uma grande folha na qual se imprimem dezesseis páginas, que depois são dobradas em oito”. (CALVINO, 2003, p. 32).

Ao descobrir o erro, o leitor, que já estava interessado na história, sai em busca do livro correto, que já não se trata do livro de Calvino ‘Se um viajante...’, mas de outro livro, no entanto, tem um surpresa: “E eis que...Eis que, já na primeira página, você percebe que o romance que está segurando entre as mãos nada tem a ver com aquele que estava lendo.” (CALVINO, 2003, p. 40). E esta busca vai acontecer seguidamente, demonstrando que as histórias não têm um fim definitivo. E, ao personagem narrador se junta a personagem Ludmila, outra leitora disposta a desvendar o mistério:

Sentados à mesa do café, você e Ludmila fazem um balanço da situação: -Resumindo: *Sem temer o vento e a vertigem* não é *Debruçando-se na borda da costa escarpada*, que, por sua vez, não é *Fora do povoado de Malbork*, o qual é coisa completamente diferente de *Se um viajante numa noite de inverno*. Só nos resta remontar às origens de toda esta confusão. É. Foi a editora que nos submeteu a tais frustrações; portanto ela é que nos deve uma reparação. Temos todo o direito de exigir isso. (CALVINO, 2003, p. 96).

E esta é uma decisão daqueles que se sentem logrados por uma leitura inacabada. Procurar os responsáveis pelo problema. No caso a Editora, mas o personagem narrador se vê impedido de tal atitude por questões de princípios. E neste trecho, Calvino deixa transparecer a relação do leitor com os livros e entre aqueles que o produzem:

Há uma linha limítrofe: de um lado estão aqueles que fazem os livros,

do outro, aqueles que os leem. Quero continuar sendo parte dos que os lêem e, por isso, fico alerta para manter-me sempre aquém dessa linha. Caso contrário, o prazer desinteressado de ler acaba ou se transforma em outra coisa, que não é o desejo. Trata-se de uma linha fronteira aproximativa, que tende a desaparecer: o mundo daqueles que se relacionam profissionalmente com livros é sempre mais populoso e tende a identificar-se com o mundo dos leitores.(CALVINO, 2003, p. 97).

O espaço do leitor é delimitado, de acordo com o personagem. As circunstâncias da produção do livro não o interessam e são dispensáveis. Mais do que isso, para ele existe a perigosa probabilidade de perder a magia, considerando que o leitor e sua preciosa leitura deve se manter à considerável distância deste universo da produção e do mercado livreiro.

Livros, leitores e leitura

Ao delinear o trajeto desta trama, Calvino consegue a proeza de instigar uma discussão sobre as diversas perspectivas apresentadas pela ficção contemporânea, entre elas a da metaficção, teoria em que, basicamente, a obra debruça-se sobre si mesmo, não apresentando uma narrativa na forma tradicional baseada em uma história com começo, meio e fim.

E estes traços são muito preponderantes para o escritor como demonstra Ernesto Sábato ao dizer:

Na ficção, ensaiamos outros caminhos, lançando ao mundo personagens que parecem ser de carne e osso, mas que pertencem somente ao universo dos fantasmas. Entes que realizam por nós e, de algum modo, em nós, destinos que a vida única nos vedou. O romance, concreto, mas irreal, é a forma que o homem inventou para escapar desse encurralamento. Forma quase tão precária como o sonho, mas, ao menos, mais voluntariosa. Essa é uma das raízes da ficção. A outra talvez seja a ânsia de eternidade que tem a criatura humana; outra ânsia incompatível com sua finitude. A busca do tempo perdido, o resgate de uma infância qualquer ou de alguma paixão, a petrificação de um êxtase. Outro simulacro, em suma. (SABATO, 2003, p. 168).

Como Sábato propõe, é somente pela ficção que podemos vislumbrar um mundo alternativo, embora inatingível. Isto porque, ao lançar mão de seus personagens, ou utilizando seu termo, "fantasmas", o escritor aponta para si mesmo e para outras pessoas, variados horizontes, os quais surgem deslocados daqueles que comumente conhecemos. Acrescenta ainda que o romance é quem vai libertar o homem da limitação imposta pela sua única vida. E estas afirmações insinuam-se para a necessidade do controle do tempo, algo inaceitável em nossos planos concretos, mas usual na vida interna do romance.

Análoga a ideia de Ernesto Sábato, Vargas Llosa (2004) apresenta, de forma definitiva, uma surpreendente constatação sobre a falsidade de que são feitos os romances:

De fato, os romances mentem - não podem fazer outra coisa-, porém essa é só uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. Dito assim parece um galimatias. Mas, na realidade, trata-se de algo muito sensível. Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos - ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam em não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. (VARGAS LLOSA, 2004, p. 12).

Sendo assim, cabe aqui reiterar a perspectiva metaficcional constante do neste romance que revela os mistérios e propõe discussão pertinente a trajetória da criação literária e suas consequências. Tal aspecto se verifica não só no que se refere à participação desta personagem, mas também na interferência do narrador ao conduzir a trama.

Este ao optar por focos narrativos diversificados cria uma atmosfera que favorece a discussão da obra literária dentro da própria obra.

Em decorrência disso, a narrativa vai aparentar ao leitor certo desleixo em preocupar-se com verdades absolutas; sejam existenciais, temporais ou espaciais já que exprime apenas uma verdade, a da ficção.

O romance apresenta um cenário apropriado para concretizar o encontro entre livros, leitores e leitura, confirmando assim a premissa de que o julgamento final cabe ao leitor que terá a responsabilidade de estabelecer fronteiras e julgar as confluências.

Referências Bibliográficas

- CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro do leitor ao navegador*. Tradução de Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 1999.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VARGAS LLOSA, Mario. *A verdade das mentiras*. 3 ed. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: ARX, 2004.

i Maria Helena de MOURA ARIAS, Doutora, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Editora (EDUEL),
helenarias@uel.br.